

A morfologia urbana como instrumento para o conhecimento da cidade medieval portuguesa

Luísa Trindade

Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

R. Doutor Dias Ferreira 47, 2º 3000-139 Coimbra, 00 351 912349774

trindade.luisa@gmail.com

Palavras-chave: morfologia urbana, cidade medieval portuguesa.

A comunicação proposta tem por objectivo analisar o papel incontornável que o estudo morfológico assume no conhecimento da cidade medieval portuguesa. Com base na investigação que sobre este tema vimos desenvolvendo no decorrer dos últimos anos, trata-se de explicitar como, pese embora a utilização cruzada de um extenso conjunto de fontes de natureza diversa, determinados aspectos fundamentais para a compreensão do processo de “construção” de cidade só podem ser cabalmente esclarecidos pela análise da forma urbana. A forma como elemento signficante, portanto, expressão do processo histórico que a determinou, forma que resulta e se explica pela interacção de factores de índole diversa — políticos, militares, económicos, técnicos, religiosos, sociais e culturais — cuja actuação conjunta foi determinante na configuração da cidade, na sua matriz tanto quanto no seu desenvolvimento e consolidação. Quando devidamente descodificadas, as marcas que inevitavelmente deixaram no quadro físico, permitem compreender como numa determinada época se pensou a cidade e como sobre ela se actuou.

Em termos operativos, essa reinterpretação de uma realidade passada e irreversível — inevitavelmente feita a partir da leitura da cidade na sua expressão contemporânea — passa necessariamente pela sua representação desenhada. Metodologicamente, o desenho é não só uma ferramenta essencial de análise, especulação e ensaio de hipóteses, como também a expressão que melhor se adequa aos resultados. A utilização do desenho digital como ferramenta da interpretação histórica alarga substancialmente as hipóteses de investigação e compreensão do processo evolutivo, em especial para casos onde as fontes tradicionais (escritas e desenhadas) não permitem ir mais longe. Torna possível pôr em evidencia determinados elementos considerados chave para a compreensão da forma e do seu desenvolvimento, individualizando-os, limpando o ruído que todas as representações invariavelmente comportam, centrando a atenção em elementos concretos que, assim individualizados, ganham clareza. Permite sobrepor planos levantados por meios diferentes e de diferente rigor, através da deformação controlada, resultando

no já chamado “entramado planimétrico” que, para além de os aferir por confronto, permite, a partir das suas convergências, criar imagens e tecer continuidades.

Permite-nos fixar sobre um único suporte, num número infinito de camadas (layers), toda a informação desenhada de que dispomos sobre a evolução do território em estudo e, a partir dela, colocar todas as hipóteses possíveis. Agiliza processos de análise morosos como os de metrologia e permite, a partir da realização de modelos virtuais, uma visão tridimensional, dinâmica e abordável em qualquer escala e desde qualquer ponto de vista do objecto de estudo.

Por outro lado, após o tratamento de um número considerável de casos e a correspondente sistematização gráfica da informação desenhada produzida, torna possível fazer comparações a partir das quais se estabelecem relações, séries ou tipos e, dessa forma, corroborar o que outras fontes apenas permitem entrever. Pertencem a esse capítulo acções relacionadas com a escolha dos assentamentos, o entendimento do território, o comando das operações e os agentes no terreno, bem como visualizar com uma outra clareza as características dos vários elementos que compõem a cidade: o protagonismo do caminho, a forma das parcelas, a composição e a hierarquia do sistema viário, os equipamentos e espaços colectivos.

No âmbito disciplinar da História do Urbanismo, é sobre estes aspectos — a importância da morfologia urbana e as metodologias subjacentes — que nos propomos reflectir, concretizando os resultados pelo confronto directo entre duas situações distintas mas de inequívoca complementaridade:

- o conjunto de documentação escrita invulgarmente pormenorizada relativa ao processo de fundação de Vila Real de Trás os Montes, de cuja realidade física original, paradoxalmente, nada logrou chegar aos nossos dias;
- a confirmação desse mesmo processo de “fazer cidade” pelo recurso à análise morfológica de muitos outros casos, para os quais, ao invés, as fontes tradicionais são demasiado vagas senão não mesmo totalmente inexistentes.

Referências

Rossa W, Trindade L (2006) Questões e antecedentes da cidade portuguesa: o conhecimento sobre o urbanismo medieval e a sua expressão morfológica, *Murphy. Revista de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo*, Coimbra, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra, 70-109.

Trindade L (2009) *Urbanismo na composição de Portugal*, Coimbra.